

Newman Sucupira

Ilma Mendes Fontes (10/04/1947) jornalista, escritora, poeta, cineasta, teatróloga, presidente do Conselho Municipal de Cultura, Presidente da Fundação Cultural Cidade de Aracaju, editora do jornal *O Capital*, é médica de formação.

Inédita no Estado (o único livro publicado, *Melhor de Três*, foi impresso no Espírito Santo pela Secretária de Cultura Glecy Coutinho) participa de várias antologias de poesia em nível nacional e tem seus poemas e artigos publicados em vários jornais alternativos do Brasil e do exterior.

Entre prêmios e homenagens, recebeu a Honra ao Mérito Serigy (1995), Melhor Jornalista Cultural (IWA/USA-95), Troféu Clodomir Silva, Mérito Cultural da Funcaju (1995), Troféu Arlequim de Mármore (UFS-94), Comenda da Integração Mercosul ao Mérito Profissional (94-RS), Troféu da Associação Sergipana de Imprensa de Melhor Direção Artes Cênicas (1994), Melhor Jornal Cultural, *O Capital* (94-Writer International Association / EUA) Homenagem aos 100 anos de Cinema/SESC (1995), Melhor Jornal Alternativo - Prêmio Trópicos / Utópicos (91-PE), Honra ao Mérito do Jornal Intercultural (91/ Fundesc), Reconhecimento ao Trabalho em Prol da Mulher Sergipana (SESC / SENAC 90), Homenagem da Federação das Mulheres de Sergipe (1985), Prêmio Anchieta de Melhor espetáculo (A Fina Flor) no Festival de Teatro de São Mateus/ ES (1987), Melhor Filme do VII FENACA - *O Beijo* - (UFS-80), entre outros.

GOVERNO DE SERGIPE

Secretaria da Cultura

A FÚRIA DA RAÇA Roteiro original de Ilma Fontes 1997

Coleção Jackson da Silva Lima

A FÚRIA DA RAÇA



Roteiro original de Ilma Fontes

Copyright © 1997 Ilma Fontes

Catalogação Biblioteca Central Des. Gervásio Prata - TJSE

Fontes, Ilma Mendes
F683f A fúria da raça - Roteiro cinematográfico / Ilma Mendes Fontes. – – Aracaju: J. Andrade, 1997

306 p.

1. Literatura Sergipana. – Romance.
I - Título.

CDU 869.0(813.7)-31

Capa: Ilma Fontes e Alberto Paixão sobre Desenho do Século XVI, de autor desconhecido, representando o inferno para onde vão as almas pagãs; usado pelos jesuítas na catequese dos nossos índios.

Aux. Pesquisa
LUDMILA COUTINHO

Digitação
Coordenadoria de Informática - CODIN / SEED

Revisão
RONALDSON
JEOVÁ SANTANA
NEWMAN SUCUPIRA

1997

Direitos reservados

NOTA DA AUTORA

O ROTEIRO ORIGINAL "A FÚRIA DA RAÇA" foi escrito e finalizado em 1987 após quatro anos de pesquisas no Museu do Índio, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e nas Bibliotecas Epifânio Dória e Clodomir Silva, em Aracaju.

Para detalhes bibliográficos, consultar a autora:
Ilma Fontes - Av. Ivo do Prado, 948 - CEP 49015-070 - Aracaju/SE

Agradecimentos Especiais

À Prof. Beatriz Góis Dantas pela orientação dada às pesquisas necessárias à elaboração deste roteiro e pela sua dedicação à causa indígena sergipana.

A Ludmila Coutinho, companheira de pesquisa, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

A Iara Vieira (1ª revisão), Divailton Silva (1ª digitação), Lânia Duarte (Secretária da Cultura) e Eugênia Teixeira (Presidente da FUNDESC), que apoiaram os primeiros passos para a realização deste trabalho.

A TUPIMANIA NA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA (FRAGMENTOS)

(...) O ingresso dos índios de Sergipe na história escrita se faz através dos documentos que relatam as primeiras tentativas de sua cristianização pelos jesuítas, e das guerras que culminaram com a conquista de 1590. Estes eventos marcam a entrada dos índios na história escrita e ao mesmo tempo o massacre e a perda de autonomia das suas sociedades. Estranhos desígnios estes da história escrita de tratar os índios, quando eles se acham ameaçados de conquista e, não raro, de extinção. O seu ingresso na história é assim marcado por uma ambigüidade desconcertante. As denominações étnicas registradas nos documentos são, muito freqüentemente, não mais designativos de sociedades organizadas e autônomas, mas denominam grupos de índios aldeados sujeitos a um esquema exterior de poder e forte pressão socio-cultural.

As fontes quinhentistas e seiscentistas mais conhecidas que tratam das ocorrências registradas em Sergipe, no final do século XVI, são fartas em indicações de que os índios, que aqui mantinham relações de escambo com os franceses e que os jesuítas tentavam cristianizar, eram Tupinambá. Que também eram Tupinambá os legendários caciques Serigy, Suruby e Aperipê que caem vencidos juntos com seu povo ante o avanço do invasor.

(...) Ao tratarem da conquista, autores mais modernos, como J.A.S. Travassos e Clodomir Silva, apresentam como Tupinambás os caciques da região Sanfranciscana - Japaratuba, Pacatuba e Pindaíba (este da Ilha de São Pedro) - que teriam estabelecido aliança com os conquistadores no seu avanço para o Norte seguindo os índios que fugiam em busca de refúgio no Sertão.

(...) Os Tupinambás que habitavam largas faixas do Litoral Brasileiro, constituíam, à época da conquista, a "nação" mais espalhada e mais numerosa das que primitivamente habitavam o atual território Sergipano. Algumas fontes do final do século XVI, fazem referências a trinta aldeias (grupos locais), algumas delas com cerca de 1000 pessoas.

(...) O trabalho quotidiano com os índios chamava atenção para a diversidade cultural muitas vezes registrada nos catecismos e condenados como superstição e pecado. Também as cartas registravam concepções e idealizações dos padres acerca dos índios. Visão etnocêntrica, mas fontes de informações que submetidas a uma leitura crítica ajudarão a diminuir o desconhecimento que atinge não apenas as línguas dos índios que habitavam em Sergipe, mas a própria história dos primeiros donos da terra, cuja conquista logo mais completará 400 anos sem que se conheça, sequer, um perfil geral dos conquistados.

Beatriz Góis Dantas
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe nº 29 - 1987